

NEOCONS¹

Ascensão do Neoconservadorismo

Prof. Ms.. Fábio Ruela de Oliveira²

A história nada mais é do que uma constante indagação dos tempos passados em nome dos problemas e curiosidades – ou mesmo das inquietações e das angústias – do tempo presente que nos cerca e assedia. (BRAUDEL, 1988).

Assim como Fernand Braudel o eminente historiador Eric Hobsbawm também chama a atenção para a importância do presente no trabalho com a história. Na introdução do seu *Era dos Extremos*, destaca que “o ofício do historiador é lembrar o que outros esquecem”, salientando assim o papel do historiador na atualidade, principalmente porque em nosso tempo atual “os jovens crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.” (HOBBSAWM, 1995, p.13). Considerando tais apontamentos notamos então que é a observação atenta do presente que conduz o historiador a pinçar lembranças de passados próximos e distantes, refletindo em que medida estes tendem a se repetir, porém com formas distintas, mais brandos ou intensos, como tragédias ou farsas.

Este mural do *Observatório do Mundo Contemporâneo* propõe esse exercício na observação das investidas conservadoras nos dias de hoje. Na leitura dos principais jornais e revistas destes últimos anos, especialmente dos últimos dias, mesmo que seja uma leitura superficial, notaremos sem dificuldades a ocorrência de alguns fenômenos e eventos que nos lembram um passado próximo, de intolerância, repressão e xenofobia.

Primeiro nota-se o clima policial que vem crescendo nos últimos tempos. O badalado filme *Tropa de Elite* (2007) polarizou grupos e opiniões que apostam no programa de “tolerância zero” personificado na figura do Capitão Nascimento. Outra manifestação explícita da atmosfera repressiva foi o caso USP, com a permanência da Polícia Militar na Universidade de São Paulo e a dispersão violenta dos manifestantes, estudantes, funcionários e professores daquela universidade, a mando da reitora Suely e do governador Serra, nos meses de maio e junho. A última vez que tal enfrentamento se deu foi em 1968, quando a ditadura civil-militar brasileira entrava na sua fase

¹ Mural produzido em junho/2009. Coordenação: Fábio Ruela de Oliveira, Maria José Catelano. Estagiários: Alexandre Arienti Ramos, Guilherme Dotti Grando, Karen Loraine Kraulich, Karen, Renata Capelesso, Marcos da Silva de Oliveira.

² Docente do curso de História da UNIOESTE

mais violenta e sombria.

Outras manifestações no plano internacional são as ações permanentes de opressão bélica aos palestinos, aos afegãos e aos iraquianos, operadas por israelenses e estadunidenses. Na Rússia de Putin e Medvedev “multiplicam-se os grupos que pregam o expansionismo sob um regime ultranacionalista ou neofascista” (*Carta Capital*, nº. 547, p.78-81). Em todo o globo a crise financeira mundial desencadeia uma onda de desemprego em grande escala, cujas conseqüências sociais são imprevisíveis. As principais potências européias como França, Itália e Espanha reeditam políticas de xenofobia com apoio de amplos setores de suas populações, tanto que há uma tendência de ampliação das cadeiras de centro-direita no Parlamento Europeu. Completando tal cenário, temos o radicalismo conservador do atual Papa Joseph Ratzinger, o Bento XVI, que nos anos 1940 foi membro da juventude hitlerista e na estrutura da Igreja foi líder da “Congregação para a Doutrina da Fé”, ou a antiga Inquisição. Além de intensificar o conservadorismo característico desta instituição religiosa, Ratzinger reabilitou bispos lefebvrianos que negam a ocorrência do holocausto judeu.

Na América Latina podemos citar dois casos de guinada conservadora: a Bolívia, cujo governo de Evo Morales (primeiro índio eleito como Chefe de Estado) foi desestabilizado e quase derrubado por setores da elite econômica da província de Santa Cruz. No Peru, enquanto escrevemos estas linhas, o governo de Alan Garcia empreende uma ofensiva policial contra os manifestantes indígenas peruanos que se organizavam contra as políticas de privatização dos recursos naturais daquele país.

Para finalizar, não podemos esquecer a polêmica do editorial da *Folha de São Paulo*, de fevereiro deste ano, que referiu-se ao período de ditadura como “ditabranda” e reacendeu os ânimos de revisionistas e neocons, como o do historiador da UFSCAR/SP Marco Antonio Villa. No artigo intitulado “Ditadura à Brasileira”, neste mesmo jornal no dia 05/03/2009, Villa simplesmente nega a história recente do país, ao minimizar os efeitos da ditadura brasileira em comparação com outras ditaduras latino-americanas. E ainda afirma que as características da ditadura brasileira são independentes do processo da Guerra Fria.

Devemos ficar atentos com essa mobilização conservadora e lembrar que em outros momentos de crise econômica foram os conservadores e suas análises equivocadas que nos conduziram a catástrofes e atrasos na construção de uma democracia ampla. Aqueles preocupados com a radicalização da direita conservadora devem se reorganizar e se contrapor ao seu avanço.

A crise destrutiva do capital e os limites da socialdemocracia

Profa. Ms. Maria José Castelano³

Nosso propósito é apresentar alguns dos mecanismos e estratégias de poder utilizadas pelo Estado e pelas classes dominantes para combater a crise do capital que, segundo a mídia, parece dar sinais de recuperação. Para iniciarmos a discussão, é necessário responder a seguinte indagação - qual o custo social do apaziguamento da atual crise do sistema financeiro?

A crise do capitalismo mundial exemplifica, de forma dramática, o fracasso do livre mercado global, que resultou em depressão econômica nos Estados Unidos, obrigando governos, inclusive o norte americano, à intervenção estatal.

Qual o papel do Estado diante da crise? A última crise já queimou cerca de US\$ 4 trilhões transferidos dos cofres públicos para o sistema financeiro. Até o momento somente os interesses das grandes corporações têm sido atendidos, contrariando o lema “Put the people first” proclamado pelas manifestações recentes que expressam a indignação de crescentes parcelas da sociedade com as políticas de penalização das maiorias.

Os pacotes de resgate do sistema financeiro foram concebidos no FMI, em articulação com o G8. O absurdo é que de acordo com Samir Amin (CACCIA BAVA, 2009), as medidas para salvar essas instituições financeiras foram concebidas por elas mesmas, que controlam a maioria dos recursos públicos destinados a socorrê-las. E mesmo tendo sido essas empresas as principais responsáveis pelas múltiplas e simultâneas crises que assolam o planeta, em todas as recomendações de como enfrentar essa situação não há uma palavra no sentido de limitar suas ações ou controlá-las a partir do interesse comum.

Há cerca de 500 grandes corporações globais que respondem em conjunto por grande parte da produção mundial – e que controlam o planeta – se reduzem em número, e as maiores dentre elas aumentam seu poder. Nesse conjunto se destacam 66 *institutional Investors*, que gerem 75% das movimentações especulativas planetárias. (CACCIA BAVA, 2009, p.9)

As consequências dessa concentração de riqueza e poder podem ser avaliadas pela situação de extrema pobreza de cerca de 3 bilhões de pessoas com insuficiência ou sem renda para ter acesso aos produtos alimentícios, moradia e à água potável.

Os limites históricos do capitalismo estão contidos nas relações de produção baseadas na

3 Docente do curso de História da UNIOESTE

propriedade privada dos meios de produção e na valorização do capital. Portanto, a produção não é para a maioria da sociedade, mas para a valorização e acumulação do capital, sendo que “[...] a conservação e a valorização do capital – valor repousam sobre a expropriação e o empobrecimento dos produtores”. (MARX, 1985)

Segundo ainda análise do pensador alemão do século XIX, o modo de produção capitalista levaria o mundo a uma economia globalizada e este processo geraria conflitos violentos, crises econômicas e injustiça social de ordem generalizada. Só para mencionarmos os fatos mais recentes, na última década, experimentamos e vivenciamos a crise financeira do leste asiático, que começou no verão de 1997; a crise econômica Argentina de 1999-2002 e, sobretudo, a crise dos empréstimos hipotecários que começou nos Estados Unidos em 2006 e agora tornou-se a maior crise financeira do pós-guerra.

Esse conjunto de informações vem ao encontro do que queremos afirmar: as crises do capitalismo são inerentes ao sistema e demonstram suas contradições. Portanto, a superação da crise recém instaurada, ou seja, da lógica do capital, só pode pautar-se na contestação das premissas liberais nas quais o mercado é o mecanismo ideal de regulamentação da economia e da vida social. Ademais, jamais se poderia obter justiça social sem uma política econômica eficaz voltada a uma melhor distribuição da riqueza na sociedade.

Além das questões elencadas, preocupa-nos o fortalecimento da articulação de movimentos de extrema-direita, somadas à fragilidade do pensamento de esquerda. Não estamos falando do fim de uma perspectiva de esquerda, mas de sua submissão ao discurso unísono burguês da socialdemocracia. Segundo artigo recente de CACCIA BAVA (2009) há em curso um movimento importante por parte do grande capital, que preocupado em substituir o ideário neoliberal, se antecipa às previsíveis comoções políticas e busca legitimar a globalização e o crescimento como objetivo e propõe o alargamento da social democracia, com discurso de dar maior atenção à pobreza e às políticas sociais. Compreendemos que as saídas propostas pela socialdemocracia global, liberdade do mercado e democracia formal, a partir de uma reelaboração d’A Declaração Universal dos Direitos da Cidadania é um novo modelo de legitimação política do capitalismo atual.

Torna-se necessário trazer à memória situações ocorridas no cenário político-alemão no pós Primeira Guerra Mundial, com a formação de partidos ultranacionalistas, radicalmente contrários ao socialismo, em que um desses partidos chamava-se Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista) liderado por Hitler. Em 1932, havia na Alemanha mais de 6 milhões de desempregados. Com o agravamento da crise, os milhões de desempregados, bem como muitos integrantes dos grupos dominantes, passaram a acreditar nas promessas de Hitler de transformar a Alemanha num país rico e poderoso. Assim, nas

eleições parlamentares de 1932, o Partido Nazista conseguiu obter 38% dos votos (230 deputados), mais do que qualquer outro partido. Em 1934, o Führer lançou mão de uma propaganda sedutora e do uso da violência policial (SS -tropas de elite e SA -tropas de choque) e da Gestapo (polícia secreta de Estado) para prender, torturar e eliminar os inimigos do nazismo, inclusive, socialistas e comunistas.

Repressão aos Movimentos Sociais

Guilherme Dotti Grando⁴

Marcos da Silva de Oliveira⁵

A repressão aos movimentos sociais tem ganhado destaque nos meios de comunicação, nas medidas em que governos com caráter autoritários têm seus interesses contrapostos por movimentos sociais (a exemplo do Movimento Sem Terra, Organizações Ambientais, Associações Indígenas, grupos separatistas, entre outros). Os governos utilizam-se da força para oprimir manifestações sociais que estejam em conflitos com seus pressupostos “Políticos e Ideológicos”.

No Peru, o conflito entre Governo e manifestantes indígenas é evidente. O presidente Alan García adota uma política Neo Liberal através de tratados de livre comércio (TLC), incentivando multinacionais e grandes empresas a investirem no País. Essa política Neo Liberal encontra resistência dos grupos ambientalistas e indígenas que protestam contra o decreto baixado por García em 27 de junho de 2008, visando facilitar a entrada de companhias petrolíferas nas terras indígenas e a venda de blocos da selva Amazônica. No dia 9 de abril Associações de indígenas amazônicos, representando mais de 350 mil índios tomaram trechos de estrada, oleodutos e gasodutos, criando desabastecimento e falta de energia em cidades da Amazônia Peruana e prejuízos diários de 120 mil dólares a PetroPerú. O governo reagiu com um cerco a 2 mil indígenas que bloqueavam uma estrada, policiais e militares fortemente armados que avançavam sobre os manifestantes utilizando metralhadoras e bombas de gás. A polícia divulgou 25 policiais mortos, 5 civis e 4 indígenas, mas os nativos estimam 25 mortos e 50 desaparecidos.

Recentemente a USP foi palco de um episódio onde manifestantes que exigiam a renúncia da Reitora Suely Vilela, foram reprimidos por policiais militares usando gás lacrimogêneo e rasante de helicóptero. Como a reitora não se manifestou sobre a ação da PM, o Governo do Estado de São Paulo, José Serra declarou que “a polícia não cometeu nenhum exagero e obedeceu a uma ordem Judicial”. Esse posicionamento de caráter repressivo do governo paulista não é novo, considerando que em 2007, na invasão da reitoria da USP por estudantes, a reitora recebeu críticas de integrantes do governo Serra (PSDB), por não ter permitido a entrada de policiais no prédio. À época o Ministro da Casa Civil, Aloysio Nunes Ferreira, afirmou que “a reitora (...) não tomou as medidas que deveria ter tomado”.

A Europa também é palco de desfechos parecidos, poderíamos citar a Rússia, onde o

⁴ Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁵ Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

Governo Putin tenta restaurar pela força bruta a “Ordem” e a “Democracia”, reprimindo movimentos separatistas, Putin tenta passar a imagem de uma Rússia estável que volta a se colocar como potência mundial.

Este tipo de repressão aos movimentos sociais traz à tona opiniões e atitudes autoritárias de governos que se dizem defensores da democracia, mas que têm dificuldade, ou não têm interesse em dialogar com outros posicionamentos que não estejam de acordo com as suas prioridades. A repressão mostra a intenção de se construir discursos de caráter oficial que escondem as contradições dentro dos países e dos governos.

Movimentos Conservadores Hoje

Alexandre Arienti Ramos⁶

Crise econômica gerando desemprego em massa, diminuição do poder de compra da população, quebra da bolsa e em resposta, ascensão de regimes totalitários e o fortalecimento de movimentos de extrema direita pelo mundo. Parece que estamos falando daquilo que ficou conhecido como grande depressão de 1929, mas não estamos. Falamos daquela que daqui a alguns anos poderá ser chamada a grande depressão de 2009. Passados 80 anos de 29 o mundo volta a viver uma grande crise econômica cuja extensão ainda é desconhecida.

Assim como em 29, a situação de desemprego, miséria e desigualdade social hoje tende a produzir gigantescas forças sociais. Estas forças podem traduzir-se em movimentos que proponham alternativas que visem à transformação da sociedade. Mas também podem, assim como na Alemanha nazista, desenvolver-se em movimentos nacionalistas de caráter nazi-fascista. Depois da segunda grande guerra tornaram-se conhecidas algumas das atrocidades cometidas pelo regime nazista e implantou-se no mundo um movimento de desnazificação. Entretanto, esta tentativa de desnazificar o mundo não foi de todo completa. Manteve latentes os ânimos e possibilitou que movimentos neo-nazistas continuassem a agir clandestinamente. Num momento de crise a ideologia neo-nazista encontra um campo fértil pra se desenvolver e agir em movimentos abertos ao invés de clandestinos. Mas o que temos nós brasileiros a ver com isso? Existem movimentos neo-nazistas no Brasil?

Quem leu a matéria de 20 de Maio de 2009 na revista ISTOÉ, que se intitulava Os Nazistas Brasileiros, perceberá que existem movimentos neo-nazistas no Brasil mais organizados do que imaginamos. A revista aponta um grupo que pretendia fundar um novo país, chamado Neuland “nova terra”, abarcando São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Apesar de parecer obra de ficção era uma proposta real. Possuíam um jornal on-line e contavam com apoio de empresários internacionais que lhes forneciam armas e dinheiro, sua diretoria era basicamente de membros da classe média alta. Em disputa pela liderança do movimento ocorreram dois assassinatos, sendo presos quatro envolvidos. Somente em decorrência destes assassinatos pode o movimento ser desmascarado.

Tendemos a reduzir o movimento neo-nazista apenas aos skinheads, e o movimento skinheads apenas a neonazistas. Com isso nos afastamos da realidade. Primeiramente, existem skinheads que não seguem a ideologia neo-nazista, baseando-se muito mais nos movimentos

⁶ Discente do 2º do curso de História da UNIOESTE .

operários ingleses das décadas de 60 e 70. Em segundo lugar, nem sempre aqueles que professam a doutrina neo-nazista estão de acordo com o estereótipo internalizado pela maioria, cabeça raspada e calça com suspensório, o skinhead.

Mais preocupante do que os grupos cheios de intolerância que atacam pessoas indefesas, motivados pelo racismo ou preconceitos, mas sem ter idéia de um objetivo claro ou sem conhecer a fundo a ideologia que afirmam professar, são aqueles que pensam um projeto maior. Podemos afirmar, sem ser alarmistas, existem grupos intitulados Nacionais Socialistas que possuem planos claros de dominar o mundo. Estes grupos são, a exemplo do caso citado, grandes e organizados, possuem armas e seguem os ideais daquele que lhes é fonte de inspiração, Adolf Hitler.

O movimento Nacional Socialista possui muito material difundido na internet. Conteúdo de páginas que por lei não podem ser acessadas e textos que não podem ser lidos são facilmente encontrados na rede. Para preparar este texto foram realizadas pesquisas nestes sites proibidos e as conclusões são preocupantes. Entre as propostas encontram-se coisas como formar um país no sul do Brasil somente com os Arianos, deportar todos os mestiços, negros e asiáticos e formar no norte um outro país somente com indígenas. Enquanto que para estes grupos os Judeus devem ser tratados do “modo apropriado” sem esclarecer melhor o que seria isso.

Se este mural trata do fortalecimento dos movimentos conservadores num momento de crise, por que falamos de neonazistas, nacionais socialistas e skinheads? Simples, são em momentos como este que movimentos sociais correm o grande risco de serem cooptados por doutrinas fascistas. Trabalhadores em situação de miséria são induzidos a encontrar razões equivocadas para os males que os afligem. Podem procurar não nas “perfeitas” leis de mercado, na acumulação e especulação da riqueza, mas sim no seu vizinho, no imigrante, ou no estrangeiro o culpado. Se estes trabalhadores engrossarem movimentos de caráter neonazista poderão ser utilizados como massa de manobra pelas cabeças pensantes de movimentos como nacional socialismo. Grupos com planos absurdos e mirabolantes podem encontrar seguidores entre aqueles que são os mais prejudicados pela crise.

Xenofobia

*Karen Loraine Kraulich*⁷

*Karen Renata Capelesso*⁸

“*Aversão às pessoas e coisas estrangeiras*”, este é o conceito de xenofobia por definição. É o que vem acontecendo em países do mundo todo há muito tempo e que atualmente se tornou um problema sério, que precisa ser discutido, e rápido!

Podemos acompanhar nos mais diversos meios de comunicação a situação em que os países europeus se encontram; imigrantes chegando de todas as partes do mundo à procura de emprego, de melhores condições de vida, à

medida que a crise financeira leva a falência grandes empresas por todo o globo, resultando no aumento do desemprego o que torna os estrangeiros antes recebidos por esses países como trabalhadores em busca de melhor condição de vida, inimigos que podem roubar os empregos dos nativos. E é exatamente a partir de situações como essa que a xenofobia se torna cada vez mais forte.

Com o agravamento desse preconceito devido à crise econômica, a situação vem ficando mais complicada. Já existem projetos de lei como na Itália onde o Parlamento propõe a criminalização da imigração ilegal no país. Em Portugal as cotas de imigração foram reduzidas segundo o ministro Vieira Silva, como uma saída para os problemas da crise econômica, o que certamente não vai de fato diminuir a imigração em território português, e sim aumentar as entradas ilegais no país. A União Europeia com o chamado “pacto sobre imigração” determina que os imigrantes ilegais serão expulsos, o controle das fronteiras será “melhorado” e os países de origem dos estrangeiros estão proibidos de promover a regularização em massa dos seus imigrantes.

O governo italiano de Berlusconi aumentou para seis meses o tempo de detenção dos “irregulares” e incentiva a própria população civil a formar patrulhas para vigiar a cidade e encontrar os estrangeiros, numa espécie de “caça às bruxas”. Já na Espanha, o governo de Zapateiro, não só criminaliza os imigrantes como proíbe os espanhóis de oferecer ajuda ou dar abrigo, com pena de serem responsabilizados criminalmente se não denunciarem estes “indivíduos”.

Mas a xenofobia não atinge apenas a Europa atinge também os Estados Unidos, a terra das “liberdades democráticas” e das “possibilidades” e coração desta crise econômica. Um bom exemplo foi quando a Microsoft anunciou que iria demitir mais de 5000 funcionários devido à crise,

7 Discente do 2º do curso de História da UNIOESTE.

8 Discente do 4º do curso de História da UNIOESTE.

e um senador republicano escreve à imprensa pedindo que fossem demitidos primeiro os trabalhadores estrangeiros, alegando que a empresa deveria priorizar os trabalhadores americanos nestes tempos difíceis.

Nesta conjuntura, a mídia vem usando toda a sua influencia no intuito de colocar o imigrante como o responsável pelos problemas de fome, miséria e desemprego causados pela crise econômica. Tirando a culpa da estrutura do sistema capitalista e a colocando no indivíduo.

Um bom exemplo de como a mídia conservadora manipula a situação e se aproveita de conflitos da realidade para ajustar a sua visão de mundo é o modo como a greve dos trabalhadores da refinaria em Lindsey no Reino Unido foi tratada. A mídia apropriou-se desta greve, que a priori reivindicou que não se fechassem os postos de trabalho dos ingleses, mas logo alteraram suas bandeiras ampliando as reivindicações para todos os trabalhadores. A grande imprensa desconsiderou esse fato e apresentou a toda a opinião pública que até os próprios trabalhadores ingleses estariam culpando os imigrantes pelo desemprego, repercutindo assim a xenofobia e influenciando campanhas anti imigração.

Agora um ponto a se pensar: o trabalho dos imigrantes sempre foi mais barato que dos trabalhadores locais. Se a pessoa sai do seu país de origem, vendendo sua mão-de-obra a um preço mais baixo do que o padrão daquele país, aceitando os mais variados tipos de emprego, em geral aqueles que ninguém quer, é porque precisa, e muito! A crise leva os trabalhadores locais a reivindicarem qualquer tipo de emprego, o trabalhador estrangeiro perde seu posto de trabalho, não tem dinheiro suficiente para voltar para seu país, em que situação fica esse trabalhador? Logo começam a surgir a associação entre o imigrante e o marginal.

Hoje você é reprimido por ser negro, homossexual, judeu, muçulmano e estrangeiro. A barbárie da xenofobia já demonstrou historicamente suas faces cruéis, a Alemanha nazista, onde morreram milhões de pessoas acusadas de serem “inferiores” por não serem da raça pura ariana. Temos que romper com o pensamento simplista que é colocado para nós onde um ser é responsável pela catástrofe do mundo, onde o imigrante é responsável pelo desemprego e pela crise, temos que pensar além e vermos a raiz dos problemas da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CACCIA BAVA, Sílvio. A crise e as oportunidades. IN: Le Monde Diplomatique, junho, 2009, p.9-11.

MARX, K. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

BRAUDEL, Fernand. *O Espaço e a História no Mediterrâneo*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* (tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Folha de São Paulo – Edições de Fevereiro de 2009 e de 05 de março de 2009.

Revista *Carta Capital* – Edições do primeiro semestre de 2009.

Revista *Carta Capital*. Edições de junho de 2009.

Revista *Carta Capital*. Edições de Maio de 2009.

Revista *Carta Capital*. Edições de dezembro 2008.

Folha de São Paulo. Edições de junho de 2009.

Revista *Isto é*. Edições de maio de 2009.

SARTRE, Jean-Paul: *A questão Judaica*. Ática, 1995, São Paulo, SP.

DIAS, A. *Links de Ódio, o racismo, o revisionismo e o nazismo na Internet*. In: Os Urbanitas. São Paulo, v. 04, p. 04, 2006.

http://www.estadao.com.br/economia/not_eco262943,0.html.

<http://www.protons.com.br/megazine/COLthiago03.html>.

FRUTUOSO, Suzane G. Os Nazistas Brasileiros ISTOÉ. 20/05/2009